

II Reggae de Tirar o Chapéu, no Chapéu Mangueira.

Marlon Silva Da Costa¹, Natalia Urbina Castellon², Francilene Cardozo³ e Diego Rodrigo Da Conceição⁴

A exposição Fotográfica do II Reggae de Tirar o Chapéu nos traz a importância de trabalhar com temas tais como negritude, diversidade, tolerância religiosa, ocupação de espaços públicos, becos e favelas. Traz-nos a experiência da ocupação dos próprios espaços em favelas intervindas pela UPP e ao mesmo tempo, da importância da projeção audiovisual enquanto a enunciação no espaço público de problemas cotidianos tais como racismo, discriminação e violência, todas essas, explorações ainda presentes no Rio de Janeiro da desigualdade, ainda depois de 450 anos de cidade. A continuação, uma reportagem na Tv direta do núcleo autônomo Girasol Comunicações:

REGGAE DE TIRAR O CHAPÉU FOI LINDO
TV RÁPIDA E DIRETA: Um pouco do olhar da TV Rápida e Direta sobre o II Reggae de Tirar o Chapéu.

Dj Buii, Diego Rodrigo da Conceição, soltou a pedra e beco da Rua Vitorino ficou dançante e pequena com os moradores, no Bar do Sergão e Sueli. Depois de uma triste sexta-feira aqui no Chapéu Mangueira/Babilônia, onde o costumeiro resultado da política de Pacificação (Jovem negro, morto, ou baleado, ou no cárcere). Um tiroteio que silenciou a tarde e noite de sexta, deixando dúvida de como seria o Sábado. No sábado os abusos que favelados sofrem da política de segurança continuaram, com eventos tipicamente antes eram populares, na rua, gratuitos, que hoje acontecem com portas fechadas, com um preço muito alto, muitos moradores curtem o som do lado de fora. Essa mesma política, de limpar a área, mesmo que seja com sangue da juventude negra e favelada, serve para a classe dominante subir um dos morros mais bonitos do Rio, para lucrarem com seus empreendimentos, sejam comerciais ou políticos. Em paralelo a esses fatos, nossa TV capitou algumas imagens do II Reggae de Tirar o Chapéu, que aconteceu no Bar do Sergão, aberto e gratuito, e no bar, precinho de morador. O que vimos ontem no Reggae do Chapeuzinho, foi a dominação do espaço público. Porque temos que pedir se ele já é nosso? Ocupemos as ruas, elas são nossa.

¹ Estudante de Licenciatura em História Unisuam, Bolsista de Professor Laboratório Espaço do IPPUR-UFRJ e estagiário na Escola Municipal Bartolomeu Campos de Queiroz na Baixa do Sapateiro- Maré.

² Doutoranda (Ippur-Ufrj - Brasil) Pesquisadora Laboratório Espaço (IPPUR-UFRJ). Mestre em Geografia (UFRJ-Brasil).Especialista em Planejamento Urbano (Ippur-Ufrj- Brasil) e Professora de Ensino Meio (UNAB-Chile)

³Doutoranda em Serviço Social UFRJ, Mestre em Bibliotecologia Uni-Rio, e professora do pre- Vestibular popular Chapeu Mangueira.

⁴ Estudante de Licenciatura em História UERJ, militante da Ocupação Manoel Congo MNLM e Professor da Eja no Complexo de Favelas Manguinhos, zona norte do Rio de Janeiro.